

## EVOLUIR É PRECISO.....

**Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)**

[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)

O espaço vivido por uma pessoa, nessa breve passagem humana, via de regra traz consigo as limitações que esse breve momento impõe. É claro que a formação e a leitura permitem a análise do passado; que a engenhosidade e a criatividade, para alguns, permite a visão do futuro, por mais variáveis que possam existir. Importante é viver e comemorar a evolução.... a de cada um no campo pessoal; a do grupo ao qual pertence; a do seu país na inserção global que a todos coopta tal como um imã gigantesco a atrair a todos que sonham com melhorias. Ter os olhos no foco, com espaço para uma visão constante dos efeitos do passado (mesmo não tendo vivido esses momentos) e uma aguda percepção das possibilidades futuras, diferencia as pessoas e faz, destas, um modelo apreciado. É o caso do Ministro Roberto Rodrigues em sua análise há pouco tempo apresentada na reunião do SIMTEC em Piracicaba, comentando o setor sucroalcooleiro e a sua evolução dos tempos de Barbosa Lima Sobrinho, dos difíceis dias do recente período da desregulamentação setorial e as perspectivas da agricultura energética neste século XXI. Dentre os produtos agrícolas, o podium fica com a cana-de-açúcar.

Essa gramínea cresce, havendo chuva. Com o sol gratuito e graças à tecnologia, cresce ainda mais. Esse fenômeno natural, no caso da cana-de-açúcar, ganhou o suporte público e criou o ciclo da superprodução, com cotas ou não! Após séculos de "laissez faire" e 60 anos de intervenção pública nos negócios setoriais (IAA), hoje desregulamentado, o setor vive outras crises de outro grau de importância: a da confiança (entre os agentes que participam de sua longa cadeia produtiva) e a da credibilidade (do consumidor).

Desde as discussões anteriores às últimas eleições dando-se continuidade no Governo Lula, há hoje um porcentual que beira a unanimidade e que revela que se aprendeu que para um programa de elevada escala de produção e uso de energia renovável é preciso um bom planejamento; a visão de planejamento surge pela lógica do interesse público, a reclamar, pois, regulação de governo nos limites impostos pela Constituição Brasileira. Trata-se, então, de realidade jurídica e não de opinião!

A verdade é que não se pode ter estabilidade (palavra mágica que se compõe com credibilidade e com confiança) com um sistema absolutamente volátil e que não condiz com a lógica de combustível e sustentabilidade. Combustível pressupõe, pois, regulação e previsibilidade.

As frases proibidas, então, giram em volta dos desafios de não faltar produto e de não faltar gestão compartilhada (ou não sobrar auto gestão). Isso pressupõe a estruturação de um novo marco regulatório, com políticas públicas claras e aceitas, restaurando a fundamental visão do curto e médio prazos.

A nossa visão prospectiva é a do Brasil liderando, formalmente, o maior programa mundial de energias renováveis com a produção e o uso eficientes da agricultura energética seja na forma de combustíveis líquidos (álcool;biodiesel) ou da energia elétrica ou mesmo de energias contidas em “pellets”. Visando manter um sustentado crescimento da renda rural, atendendo a um mercado interno crescente e exportações, o setor precisa investir cada vez mais em pesquisa e desenvolvimento. É importante lembrar que os constantes e elevados excedentes agrícolas somados aos mecanismos protecionistas dos países ricos são os principais responsáveis pela baixa renda rural em todo o mundo em desenvolvimento. A expansão da agricultura energética no mundo (produção e uso) irá ter uma tremenda influência não só no enxugamento dos excedentes como imediato impacto positivo nos preços agrícolas, além de abrir uma larga avenida nas relações Norte-Sul. Afinal são dois os fatores cruciais que empurram o homem urbano no sentido do estímulo a produção e ao uso da energia renovável em substituição à energia fóssil:

- a) A questão do efeito estufa que é função, principalmente, da queima de combustíveis fósseis;
- b) O esgotamento das fontes economicamente viáveis do petróleo e do gás natural, além do carvão mineral.

A primeira questão, com solução desenhada na famosa reunião de Kyoto (Japão) gerará um novo modelo de financiamento setorial através dos créditos de carbono para aqueles que, através da agricultura energética e maior eficiência energética gerem o direito de créditos pelo chamado “seqüestro” de CO<sub>2</sub>.

A segunda questão, grave também, diz respeito aos limites da exploração dos combustíveis fósseis, impostos pelo simples fato que são finitos e que deverão se esgotar nesse século que vivemos.

Sobre as questões Norte-Sul vale ressaltar que as negociações internacionais, cedo ou tarde, levarão à queda de produção de alimentos no mundo desenvolvido por absoluta incapacidade de competição.

Isso os levará (os ricos) à opção de agricultura energética via álcool e biodiesel para o futuro, muito provável, do hidrogênio (certamente “carregado” por um dos produtos álcool e/ou biodiesel), pois significará poluição mínima.

Também importante é o fato de que é muito diferente abrir ou fechar válvulas de poços de petróleo em comparação a realizar agricultura energética de forma competitiva.

Será necessário, fundamental, toda uma intensa relação de comércio de energia renovável entre os países, com portas abertas, pois passa-se a ter, internacionalmente, o nosso conhecido risco agrícola de produção..... muito melhor do que canhões e mísseis que hoje sustentam a viabilidade do petróleo.

A discussão do novo modelo regulatório passará pelos debates, entre outros, em torno de alguns pontos fundamentais:

- Contratos de longo prazo entre produtores e distribuidores
- Mecanismos de mercado para estoques estratégicos
- Política tributária equilibrada (a favor da estabilidade; contra evasão)
- Álcool combustível comercializado via registro e sistema de bolsa da BM&F
- Institucionalização na forma de leis

E lá vamos nós, no sentido da evolução, com segurança, buscando o desenvolvimento sustentado, com sinergia entre os vários setores, estruturado na lógica da competitividade e dessa tremenda vantagem competitiva que tem o Brasil nesse setor. Somente nessa linha, respeitando o consumidor, veremos e nos orgulharemos da liderança brasileira no setor da energia renovável.